

A vida de uma praia-lixão em São João del-Rei: processos transformativos, lixo contemporâneo e coisas em movimento

Reykel Diniz de Araujo*

ARAJO, R. A vida de uma praia-lixão em São João del-Rei: processos transformativos, lixo contemporâneo e coisas em movimento. R. Museu Arq. Etn. 40: 67-89, 2023.

Resumo: Durante a graduação em arqueologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em uma atividade avaliativa da disciplina “Prática de Campo I”, nos preocupamos em buscar compreender quais eram os processos formativos de uma faixa de deposição fluvial em São João del-Rei/MG que estava tomada de lixo. Na atividade investigamos o lugar utilizando princípios pioneiros de Michael Brian Schiffer para exercitar ferramentas da pesquisa arqueológica. Porém, essa narrativa percorre um caminho distinto neste trabalho. Seguindo ideias de William L. Rathje sobre pensar o lixo contemporâneo como fértil fonte de estudo para arqueologia e aproveitando o registro fenomenológico produzido no lugar que chamamos de “praia-lixão”, este artigo propõe discutir sobre o potencial pedagógico do lixo para cursos de formação em arqueologia e explorar a noção de *vida das coisas* de Tim Ingold em fruição com o lixo contemporâneo.

Palavras-chave: Lixologia; Arqueologia do lixo; Fenomenologia; Processos Formativos; Vida das coisas.

Fisgados pelo lixo e equipados com arqueologia

A arqueologia pode ser limitada à reconstrução do comportamento passado usando artefatos como reflexos passivos de modos de vida antigos. Por outro lado, a partir da mesma base de dados, a arqueologia pode se expandir para desenvolver uma teoria das relações entre pessoas e coisas. (Rathje 1979: 28; tradução nossa)

Quando planejávamos ir a São João del-Rei/MG para a atividade avaliativa

da disciplina de Prática de Campo I¹ não esperávamos fazer um exercício utilizando lixo contemporâneo. A princípio o pequeno grupo composto por dois alunos (Lucas Pomodoro e Reykel Diniz) e pela professora (Camilla Agostini)

1 A atividade de campo estava associada ao projeto “Campos e Saberes: prática de pesquisa interdisciplinar na extensão da sala de aula”. O dossiê de pesquisa elaborado como produto da atividade foi orientado por Camilla Agostini e produzido em colaboração com Lucas Pomodoro e está presente em formato físico na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). A narrativa presente neste artigo foi desenvolvida em colaboração com o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Cultura Material (Nupecm) do Departamento de Arqueologia da Uerj, também coordenado por Camilla Agostini.

* Colaborador do Núcleo de Estudos em Cultura Material da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <rkl_mbc@hotmail.com>

estava interessado em localizar possíveis estruturas históricas escondidas em uma área ligeiramente isolada da malha urbana, em proximidade ao Rio das Mortes. Durante os três dias de atividade de campo o tempo na cidade mineira foi dividido em duas áreas de interesse próximas: a ruína de um pontilhão que cruzava o Rio das

Mortes e uma faixa de deposição fluvial coberta de lixo. A faixa de deposição que foi casualmente denominada de praia-lixão será o enfoque desta narrativa (**Fig. 1**).

A praia-lixão foi percebida pela primeira vez durante exploração das margens de um riacho em busca das áreas de interesse inicial (**Fig. 2**).



Fig. 1: Praia-lixão (Setor 1).

Fonte: Foto autoral, 17 de outubro de 2019.



Fig. 2: Camilla registrando a praia-lixão da margem oposta.

Fonte: Foto autoral, 17 de outubro de 2019.

A estreita e alongada faixa de depósito fluvial escolhida para exercitar ferramentas de pesquisa nos surpreendeu. Utilizando a função mapas históricos do *Google Earth*, em sala de aula, observamos a paisagem de cima e em diferentes temporalidades (antes da ida a São João del-Rei). Também notamos registros cartográficos levantados no arquivo nacional por outros colegas da turma, que datavam em 1895 e 1960. Sobre o ângulo do plano de topo, a faixa de deposição era percebida como uma ‘praia de rio’ formada de areia e cascalhos. Porém, do alto, não era possível observar que tal lugar era tomado de lixo² espalhado.

Após avistá-la, andamos por alguns caminhos de terra batida entre pastos, rios, casas e currais em busca do pontilhão. Considerável parte do percurso era sombreado e arborizado. O lixo disperso pelo ambiente rural nos incomodava desde antes de chegarmos à faixa de deposição tomada de trechos, quando estávamos interessados no pontilhão (a cerca de 250 m de distância). Encontrar o lugar que procurávamos repleto de lixo por todos os lados nos afetou (Siqueira & Favret-Saada 2005).

A presença do lixo era reforçada pela narrativa de quatro pescadores encontrados próximo ao pontilhão, na margem do Rio das Mortes. Eles relataram descarte frequente de diversos tipos de lixo (sólido, líquido ou microrresidual) no rio e na área ao redor. Os pescadores refletiam sobre os impactos dos materiais rejeitados naquele ambiente, que afetava não somente os seres do rio, como também aqueles que viviam em seu exterior e entorno (como humanos, por exemplo). O lixo fisgava nossa linha por distintos fios ao longo do percurso, até que, finalmente, fomos atravessados pelo fio da praia-lixão. A partir desse contexto material-discursivo não podíamos mais ignorar o lixo.

O chão da praia-lixão era uma mistura complexa. Visto de longe e sem atenção, parecia um agregado homogêneo de cascalhos e sedimentos. Naquele curto espaço de tempo em que permanecemos na área, ele também parecia estático. Observando-o com atenção, porém, percebeu-se que se formava não somente por cascalho e terra, mas também por uma infinidade de trechos, troços e seres (Fig.3).

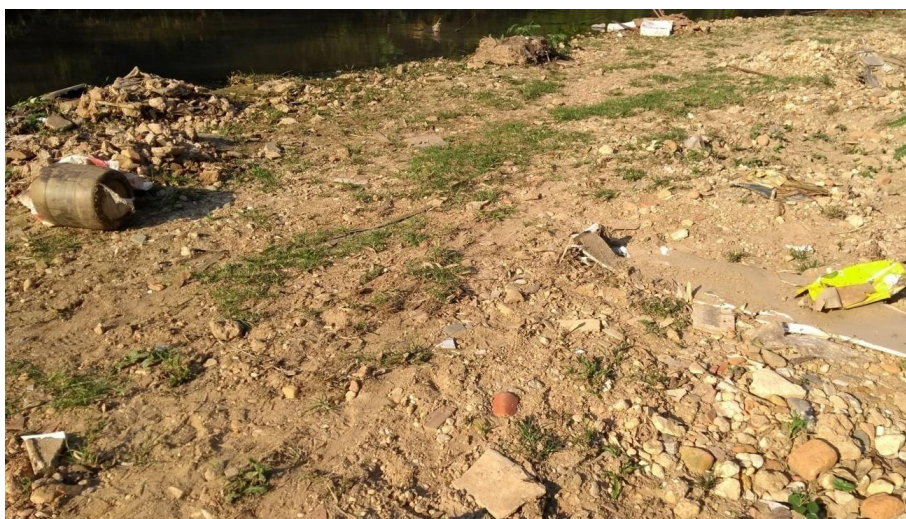


Fig. 3: Chão da praia-lixão.

Fonte: Foto autoral, 18 de outubro de 2019.

2 Aqui, o sentido da palavra lixo é tomado como *materiais* (Ingold 2015) rejeitados por humanos.

Quando se está próximo ao rio, a tonalidade da superfície fica mais escura e a textura predominante é argilosa, úmida ou mesmo com musgo. Devido à cor escura, é possível diferenciar o solo presente entre os cascalhos e pequenos seixos, tornando a composição estética³ do chão mais heterogêneo. Conforme nos afastamos do rio, o solo tomou uma coloração bege (semelhante à grande parte das rochas), e a textura ficou arenosa, dando uma estética homogênea ao chão, principalmente à certa distância. Vale notar que próximo à entrada que tomamos para chegar à faixa de deposição o solo possuía coloração alaranjada e textura arenosa, semelhante ao chão de terra batida que compunha o caminho percorrido para chegar ali. Entretanto, nem só de elementos geológicos era composto esse chão. Como dito anteriormente, a superfície da praia-lixão era uma mistura complexa, a qual continha fragmentos de tijolo, telha ou azulejo; folhas e galhos; fragmentos e tábuas de madeira, processada ou não; trechos de plástico de todos os tipos e durezas; folhas de papel e pedaços de papelão; musgo, alga, gramíneas e pequenos arbustos; seixos de vidro e cacos vítreos; metais em ligas diversas, oxidados ou não; pedaços de borracha e de esponjas; e troços feitos em fibra de vidro ou em *drywall*.

A maneira como aqueles troços⁴ (Miller 2013) estavam dispostos no ambiente e em relação com as dinâmicas da paisagem, assim como o impacto da presença das coisas naquele *campo sensorial* (Hamilakis 2021), foi o que nos fisgou. Por quase toda faixa de deposição era possível perceber lixo disperso de maneira randômica. Entretanto, também eram notáveis alguns aglomerados de trechos, os quais pareciam ser fruto de alguma atividade ou intenção – que tentamos entender utilizando ferramentas de pesquisa. Apoiados em princípios pioneiros de Schiffer (1972, 2002), tentávamos ler o contexto daquele depósito, buscando entender quais foram os processos

e agentes que participaram da formação daquela paisagem. Ao mesmo tempo, nos propomos a experimentar a abordagem fenomenológica da arqueologia da paisagem (Husserl 2006; Pellini 2014; Tilley 2016) e exercitar outras ferramentas de pesquisa de campo.

Orientados pela metodologia pluralista do *antimétodo* (Feyerabend 1977), nossa proposta era refletir como os conceitos de Schiffer (1972) sobre os processos formativos respondiam a um contexto real e de que forma o registro fenomenológico poderia ampliar as possibilidades interpretativas, seja permitindo um retorno à experiência por meio dos registros ou então na possibilidade de colocar pesquisador, processo de construção do conhecimento e ferramentas de pesquisa também como objetos de estudo – tal qual sugere Agostini (2019; ver também Hamilakis 2016). Para isso, permanecemos na praia-lixão durante dois dias: 17 e 18 de outubro de 2019. O primeiro dia serviu para um reconhecimento do local, em que elaboramos as atividades que iríamos executar na área de interesse e começamos a mapeá-la. O segundo dia foi marcado pela continuidade do mapeamento e leitura do contexto, elaborando perguntas e interpretações em fruição com os trechos.

Perambulamos livremente pelo local tentando entender todo aquele lixo. Após explorar a faixa de deposição e seus trechos, conforme a atividade avaliativa, deveríamos pensar em como conduzir uma escavação para aquele ambiente, avaliando seu potencial para estudos arqueológicos a partir da nossa leitura. O primeiro movimento envolveu o mapeamento do contexto e a identificação dos agentes e processos formadores da paisagem, descrevendo-os em desenho, fotografia e escrita no caderno de campo. Porém, após leitura do contexto, houve certa dificuldade em correlacionar as categorias propostas por Schiffer (1972) com os processos formadores daquela faixa de deposição fluvial.

Ao tomarmos como objeto de estudo a coisa que em campo chamamos de praia-lixão, a infinidade de possibilidades do que Schiffer (2002) e Rathje (1979) convencionaram chamar de *variabilidade dos trechos* era mais complicada e multifacetada do que poderia parecer. Em consequência, algumas das categorias de Schiffer (1972) –

3 O termo estética é empregado no sentido original, do grego *aesthesis*, que significa *percepção* (Meneses 2012).

4 Os termos “trechos e troços” foram retirados dos estudos de Daniel Miller (2013) e se associam nesta narrativa a *objetos*. Porém, o termo “coisas”, neste caso, não se refere ao sentido dado por Miller, e sim ao utilizado por Tim Ingold (2012, 2015).

ou mesmo as categorias clássicas da práxis arqueológica⁵ – não dialogavam bem com o contexto. Apesar disso, há consonância com Rathje (1979: 6) ao considerar que “a arqueologia de contextos modernos não tem regras ou formas tradicionais de fazer as coisas”. Seguindo esse argumento, proponho o exercício de retornar a praia-lixão de volta à vida.

Aproveitando então a possibilidade de revisitar o trabalho de campo em São João del-Rei através dos produtos da atividade avaliativa, este texto segue por um caminho diferente, buscando retomar algumas questões e reflexões disparadas pela pesquisa. Busca-se dialogar a noção de *vida das coisas* de Tim Ingold (2012, 2015) com os processos (trans)formativos da praia-lixão. Parte-se, aqui, da noção de vida como processo em que todas as coisas estão envolvidas continuamente, e não como princípio animado ou animador de seres. Para tanto, estimulado por Ingold (2012, 2015) e pelas abordagens analíticas apresentadas por Cabral (2020) e Linke e colaboradores (2020), o objetivo é dar “[...] primazia aos processos de formação ao invés do produto final, e aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria” (Ingold 2012: 26). Esse objetivo será explorado de duas maneiras: (1) a experiência em São João del-Rei será utilizada testando princípios pioneiros da arqueologia para desenvolver o potencial do lixo no estudo das coisas; e (2) o processo de construção do conhecimento será tomado em uma relação com o contexto e com as ferramentas empregadas como objeto de reflexão.

Processos de uma praia-lixão em formação

Com as pranchetas, as lapiseiras e as trenas nas mãos, saímos tomando medidas e mapeando o local. Diferente dos caminhos de terra, a área da faixa de deposição fluvial quase não possuía sombra. O calor intenso daquela semana interferiu na atividade: tentávamos

lidar com a transferência do suor das mãos para o papel do desenho e também com o chão pedregoso que esquentava as botas enquanto fazíamos cálculos de escala e anotávamos medidas. Ao mesmo tempo em que o sol se fazia presente, a água do rio nos torturava, dando vontade de refrescar as mãos e o pescoço, mas também repulsando-nos por causa de seu odor fétido e de sua aparência marrom-esverdeada⁶.

No primeiro dia em que permanecemos na faixa de deposição, na tarde de 17 de outubro, quase não sentimos o impacto do sol nas atividades de campo. Como passamos boa parte do tempo cobertos pela sombra das árvores, o curto período em que estivemos na área a céu aberto não nos influenciou. Porém, em 18 de outubro, quando permanecemos lá ao longo do dia, a história foi bem diferente. Com o sol intensificando o calor, Lucas em certo ponto não conseguia nem falar direito, pálido em razão da pressão baixa após ter permanecido de pé naquele lugar quente, seco e descoberto. Nossos braços descobertos ardiavam pelos raios de sol ao mesmo tempo que o desenho ficava cada vez mais ondulado e úmido com o suor das mãos. O sol e as condições do dia afetaram nosso raciocínio e disposição e dificultaram tocar nas coisas quentes ou ficar sobre os cascalhos da praia por muito tempo, influenciando também nossos movimentos.

Felizmente, encontramos uma pequena clareira semicircular entre a parede de vegetação. Ela proporcionava uma pequena sombra, que dividimos sentados em um pequeno barranco. Nos apropriamos do lugar e largamos as mochilas, sentando-nos ali sempre que precisávamos descansar, esfriar a cabeça ou refletir sobre as atividades. Esse pequeno assentamento foi um agente importante, já que, seja voltando ali para tomar água constantemente, seja retornando ao abrigo para aproveitar a sombra e esfriar a cabeça, sua presença foi essencial para nós naquele dia ensolarado. Diante do amplo espaço a ser analisado e das particularidades do contexto,

5 Como exemplo, é possível referenciar tanto as categorias contextuais propostas por Schiffer (1972, 1996) – contexto sistêmico e arqueológico –, quanto as categorias para tipos de refúgio – primário, secundário e de fato. A categoria *objeto arqueológico* também não parecia se encaixar bem ali.

6 De acordo com uma moradora do entorno, o rio poderia se chamar, ironicamente, “Águas Claras” (fato que não pôde ser confirmado em campo pela falta de nomeação do referido rio nos mapas utilizados).

a área de interesse foi dividida em dois setores, ilustrados na **Fig. 4**.

Durante o trabalho de campo, ainda seguindo os princípios de Schiffer (1972) para tentar compreender o processo de formação da paisagem, identificamos três tipos de refugio circunscritos por regularidades comportamentais. As diferentes formas de deposição e comportamento do lixo foram classificadas em: (A) trecos transportados e depositados por ação humana intencional, correspondentes ao alinhamento de entulhos

amontoados acompanhando a margem do rio no Setor 1 (em vermelho tracejado na **Fig. 4**); (B) trecos dispersos aleatoriamente por toda a faixa de deposição, aparentemente transportados pelo rio; e (C) trecos diversos embaralhados e amontoados com troços geológicos (em rosa pontilhado na **Fig. 4**), geralmente associados a depressões (ou valas rasas) no chão (em laranja na **Fig. 4**), concentradas no Setor 2.

Os diferentes tipos de refugio são apresentados nas **Figs. 5, 6 e 7**.



Fig. 4: Praia-lixão e seus trecos.
Fonte: Desenho autoral (2022).



Fig. 5: Refugio tipo A.
Fonte: Foto de Camilla Agostini, 18 de outubro de 2019.



Fig. 6: Refugio tipo B.

Fonte: Foto autoral, 18 de outubro de 2019.



Fig. 7: Refugio do tipo C.

Fonte: Foto autoral, 18 de outubro de 2019.

Conforme as definições de Schiffer (1972), interpretamos inicialmente que os resíduos do tipo A se enquadrariam no que o autor chama de “refugo secundário”, em que o lixo é descartado em áreas periféricas ao local de uso ou habitação. Alguns pontos nos levaram a essa leitura. Enquanto caminhávamos observando o alinhamento de troços à margem do rio, foi possível notar a existência de agrupamentos de trecos que demonstravam semelhança entre os elementos aglomerados tanto em forma quanto natureza. Um amontoado de trecos poderia ser feito unicamente de *drywall*, enquanto outros eram compostos por tijolos ou madeira compensada. Portanto, apesar daquele lixo parecer, à primeira vista, ter chegado ali por transporte fluvial, havia amontoados de coisas que formavam uma unidade formada pelos mesmos materiais, o que indicava outros agentes e processos envolvidos.

O alinhamento era constituído por diferentes unidades de trecos construtivos amontoados. Porém, ele não era composto somente por refugo secundário. O alinhamento poderia expandir de tamanho, forma e comprimento, a partir de deposição humana ou deposição de troços transportados pelo rio. Isso fazia com que o amontoado não fosse constituído apenas por esses montes intencionais de descarte, mas também pelo lixo aleatório que se aglomerava com o tempo através do rio. Notamos alguns sacos de lixo comuns dispersos no alinhamento sem a formação de unidades, o que sugere que o refugo secundário do alinhamento também era formado de lixo doméstico e não só de restos construtivos intencionalmente depositados ou descartados.

Destaca-se que o alinhamento poderia tanto crescer e sofrer processos de *adição* (Schiffer 2002: 14), quanto diminuir com processos de *redução* (Schiffer 2002: 14). Seu processo de mudança de forma também contribuía para as transformações da morfologia da faixa de deposição. Encontramos trecos dispersos por toda a área associados ao alinhamento de lixo caracterizado como refugo do tipo A, como as placas de *drywall*. Em consequência,

consideramos esse alinhamento de lixo, ou refugo tipo A, também como agente ativo na transformação dessa paisagem.

Em relação aos refugos do tipo B e C, concluiu-se que ambos chegaram à faixa de deposição transportados pelas águas do rio. A distinção entre eles se dá, basicamente, porque o tipo C sofreu o processo que Schiffer (2002) chamou de *movimentação de terra*⁷. Aparentemente, aqueles trecos tinham chegado ali pelo transporte fluvial, porém pareciam já ter imergido na estratigrafia e sido extraídos para a superfície por meio de escavações humanas. O que nos levou a essa leitura foi a percepção de que os montículos de trecos classificados como tipo C estavam quase sempre associados a valas do qual pareciam ter saído. Em outras palavras, compreendemos que os troços desse tipo foram soterrados e tinham encontrado uma forma de *vazar* (Bezerra 2019; Ingold 2012) de volta à superfície.

Em grande parte da faixa de deposição encontramos refugos do tipo B dispersos de maneira aleatória – sendo alguns provenientes do alinhamento citado (A). Descrever esse grupo de trecos parece ser uma tarefa impossível. Além do costume de estarem dispersos aleatoriamente em função do transporte ou de carregarem *traços* (Schiffer 2002) de processos transportadores – como arestas arredondadas e superfícies desbastadas –, eles têm pouco em comum entre si. Assim, poderiam estar aparentemente solitários, ou então aglomerados com outros, e variavam entre a maioria das categorias arqueológicas utilizadas para classificar os *materiais* (Ingold 2015). Havia trecos de dimensões tanto minúsculas como de grande porte, e eles poderiam ser leves, como papel, ou pesados, como madeira ou tijolo. O mais interessante do coletivo de refugo B é que seu costume aleatório e aparentemente estático à atitude natural trazia à tona o movimento dos trecos depositados e da coisa que chamamos de praia-lixão, em uma escala de tempo maior do que a de nossa atividade. Esse ponto será retomado posteriormente.

7 Do inglês *earth-moving processes* (Schiffer 1996).

Tentamos andar pela praia e levantar datações para os trecos. O esforço resultou em três datações absolutas, em meio a uma infinidade de troços, a partir de datas de fabricação presentes nas embalagens, as quais mostravam que os trecos ali eram de, no máximo, 2019. Apesar da amostragem minúscula e da revolta das coisas em nos contar quando foram fabricadas, o caminho nos levava a concluir que aquela paisagem era extremamente dinâmica. Mas por quanto tempo mais as coisas permaneceriam ali? Quais decidiriam transportar as barreiras da superfície dura e compacta, ousando se misturar às substâncias da terra? Qual seria a escala de tempo que deveríamos olhar para observar os movimentos da praia-lixão-em-formação? Essas foram algumas perguntas despertadas conforme agimos e experimentamos o ambiente e suas coisas. Pensamos que, com a atividade avaliativa, a escavação naquela área serviria para tentar mapear as variáveis do tempo de deposição, e também para investigar que trecos eram capazes de mergulhar na estratigrafia desse contexto aparentemente dinâmico. Apesar disso, só planejamos no exercício: a atividade nunca foi executada.

Os trecos da praia-lixão apontavam para fios que eram tecidos em uma relação com agentes que não estavam no *meio* (copresentes), mas que também influenciavam seus fluxos e nos faziam sentir os movimentos da praia-lixão-em-formação. A falta de sujeira nas superfícies expostas à ação de precipitações e o acúmulo de sedimento nas áreas protegidas demonstravam que aquelas coisas teriam interagido e resistido a algumas chuvas. Em algumas coisas maiores, mas não necessariamente mais pesadas – papelões e jornais, por exemplo – era possível notar uma área coberta de sedimento do chão até certa altura, delimitada de maneira retilínea. Isso nos indicou que o nível da água do rio poderia ter subido e gravado seu movimento na região coberta de sedimento.

Para uma análise mais aprofundada sobre o refugio do tipo C, interpretamos que os troços presentes nos amontoados associados às valas teriam chegado ali também pelo transporte do rio,

porém, de alguma maneira, tinham encontrado uma forma de *vazar* (Bezerra 2019) de volta para a superfície. O refugio C – que em campo nomeamos de “montículos frutos de escavação” – era regularmente baixo e possuía base mais larga, podendo ser circular ou amorfa e, muitas vezes, esparramada. Embora não houvesse muitos desses troços próximos à margem, encontramos diversos montículos desse tipo espalhados pelo Setor 2, na área mais afastada do rio, próxima à vegetação. Eles eram constituídos de distintos tipos de trecos carreados, depositados e escavados em associação com elementos geológicos e vegetais. O refugio do tipo C era composto tanto de elementos extraídos do solo quanto de troços que se agregavam ao montículo através do transporte fluvial. O encontro entre os trecos do tipo B e C também revelava que esse aglomerado havia resistido ao aumento de nível do rio. À cada nova relação que costurávamos com as coisas analisadas, mais podíamos sentir dos movimentos da praia-lixão-em-formação e mais participávamos da coisa em sua coisificação (Ingold 2015).

A maior questão referente ao grupo de coisas do tipo C procurava entender por qual razão e como aqueles trecos tinham vazado de volta à superfície. Talvez a chave para a estória daquelas coisas estivesse nas valas a qual estavam associadas. Ao menos foi por aí que seguimos. As valas não passavam de 10 cm de profundidade, e algumas talvez tivessem cerca 5 cm no máximo. Algumas possuíam coloração verde-musgo e eram úmidas, enquanto outras eram secas, variando do bege ao castanho. Uma maneira de distingui-las em meio ao chão era notar que nessas áreas não havia cascalho ou pequenos seixos, somente sedimento fino.

Nossas primeiras hipóteses para a presença daquelas valas e dos montículos a elas associadas pressupunham a existência de atividades de extração de sedimento ou garimpo. A segunda hipótese, direcionada pela narrativa dos pescadores do Rio das Mortes, seguia seus relatos sobre atividades garimpeiras nas redondezas da região. Por fim, a resposta mais convincente para a vida daquelas valas e das coisas objetificadas como tipo C

não veio de nós, mas sim de um carroceiro que em determinado momento cruzou a faixa de deposição e a desdobrou para nós. Porém, essa resposta só poderá ser desenvolvida quando retornarmos à vida das coisas, mais à frente neste artigo.

Transformações de uma praia-lixão em movimento

Retornando à experiência, agora sobre outra percepção e ferramenta teórico-metodológica, não parece muito conveniente chamar o alinhamento de troços do tipo A de refugo secundário, ou mesmo

enquadrar os troços que objetificamos como tipos de refugo enquanto categorias fechadas. Afinal, como demonstrado, as categorias limitam a análise ou orientam a interpretação. Se aumentarmos a escala de análise (e de tempo) a ser observada, podemos perceber que aquelas coisas estavam em movimento contínuo (Fig. 8).

Aprenderíamos mais envolvendo-nos diretamente com os próprios materiais, seguindo o que acontece com eles quando circulam, misturam-se uns aos outros, solidificam-se e se dissolvem na formação de coisas mais ou menos duráveis. Descobrimos, então, que são ativos. (Ingold 2015:45)



Fig. 8: Coisa em movimento.

Fonte: Foto autoral, 18 de outubro de 2019.

Os elementos sólidos e rígidos percebidos como lixo eram transportados e depositados pelo rio na praia-lixão tendendo a ter formato arredondado, ao menos em suas arestas, e a superfície desbastada. Os cacos vítreos tendiam a ficar com a superfície translúcida e porosa pelo desbaste e intemperismo,

fenômeno que não se reproduzia no interior do caco. Dessa maneira, o transporte de vítreos pelo rio afetava a *substância* (Ingold 2015) do material de maneira distinta da superfície, isto é, criando planos de clivagem por impacto. Com frequência esses elementos sólidos e rígidos, como cacos de vidro, azulejo ou cerâmica,

eram difíceis de distinguir das rochas que possuíam comportamento e forma semelhantes.

Galhos e folhagens se embaraçavam nas rochas e no lixo ao mesmo tempo que se uniam a pedaços de jornal ou papelão, compondo partes mais moles e percíveis do chão. Os sólidos rígidos eram abraçados pelos sólidos moles. Os líquidos diversos permeavam os sólidos que os absorviam, e, de forma semelhante, microrganismos habitavam muitos desses troços. Os trecos percíveis eram decompostos e permeavam algumas dessas coisas. Havia uma constante *economia de substâncias* (Cabral 2020) entre os múltiplos elementos que compunham o chão, onde, através dos processos da praia-lixão, os elementos ali envolvidos deixavam aos poucos de ser objetos descartados ou rejeitados para fazerem parte constituinte da praia-lixão.

Múltiplos elementos eram associados, grudavam ou se chocavam, eram sobrepostos ou embaraçados, afetando uns aos outros e formando coletivos de trecos que podiam ser percebidos como um troço só, ao ponto

que se tornava difícil distinguir onde o troço começava e terminava (Fig. 9). O que faz parte do troço e o que está aleatório sobre a superfície. Se olharmos para o troço como objeto, no movimento de isolá-lo para fins analíticos e dissecá-lo a partir de questões ou intencionalidades da consciência, podemos observar que ele representa um troço híbrido (Latour 2012), composto por múltiplos trecos associados que compõem uma unidade constituída em múltiplas naturezas, formas, dimensões, funções, texturas e significados. Contudo, se para além de rastrear associações entre os elementos heterogêneos que compõem o troço, quisermos seguir os fios da vida dessas coisas e buscar entender onde e como esses fios são trançados e contribuem na constituição da *malha* (Ingold 2012, 2015) da praia-lixão, precisamos considerar que essas coisas não são objetos isolados da praia-lixão-em-formação, mas são tanto transformados por ela quanto estão participando ativamente de seu contínuo processo de transformação e movimento.



Fig. 9: Encontro entre todos os tipos de refugo.
Fonte: Foto autoral, 18 de outubro de 2019.

Então, se falarmos de *coisas*, não podemos olhar para elas como fechadas e definidas, como fenômenos pré-estabelecidos ao seu acontecer ou encerrados em seu evanescer. Coisas estão vivas porque são componentes ativos de um “mundo-em-formação” (Ingold 2015: 61). Elas não são encerradas nas *biografias* (Kopytoff 2008) de objetos cristalizados, mas participam ativa e continuamente dos processos de transformação que dão forma e sentido a esse mundo e a essas coisas. Onde a vida estiver acontecendo, os materiais estão incansavelmente em movimento, fluindo uns através dos outros, se deteriorando, se misturando, se transformando e, assim, gerando novas coisas. Trata-se, logo, do “do processo no qual seres vivos de todos os tipos, naquilo que fazem, constituem as condições de existência uns dos outros, tanto para si próprios quanto para as gerações subsequentes” (Ingold 2015: 32).

Como desenvolvido, o processo de formação do alinhamento de trecos tipo A não se dava somente pelo descarte de lixo periférico proveniente de pessoas – em um processo de adição –, mas também pelas dinâmicas do ambiente e dos fios conectados ao rio, que envolvem outros processos aditivos, redutores ou mesmo químicos. Classificar essas coisas como refugio secundário parece evidenciar a ação e intenção do humano. Em outras palavras, é colocar em destaque os fios da vida que conectam os humanos que descartaram trecos ali, contribuindo na sua formação, mas, em contrapartida, obscurecendo a trama de fios que tecem e transformam esse alinhamento – continuamente costurando-o à *malha* (Ingold 2015) de vida da *coisa* que nomeamos praia-lixão.

Nesse sentido, o conceito de refugio secundário nos direcionou a interpretar aquele alinhamento identificando um de seus processos formadores – a adição de elementos por descarte humano intencional. Tal noção, então, pode descrever um dos fenômenos responsáveis pelo processo de transformação desse alinhamento. Costurando as dinâmicas da praia-lixão ao alinhamento-de-trecos-tipo-A, chegamos à conclusão de que ele poderia

vir a ser uma barreira protetora da faixa de deposição. A questão é que nossa fruição com as coisas evocava muitos tempos e agentes, que se articulavam e reorganizavam conforme os fios do campo sensorial iam sendo trançados durante a experiência. Em consequência, os trecos acabavam se tornando coisas diferentes: nos do tipo B, por exemplo, apesar de parecerem estáticos à atitude natural, seu costume de estarem aleatórios e dispersos pelo ambiente trazia à tona os movimentos e fluxos da praia-lixão-em-formação (em uma escala de tempo maior do que a de nossa atividade).

Ao mesmo tempo, a relação entre múltiplos trecos na coisificação (Ingold 2015) de uma nova coisa dialogava conosco apontando para diversos processos envolvidos, que costumavam agentes tanto humanos quanto não humanos. O troço poderia envolver todas as categorias de refugio em um único elemento. Encontramos problemas ao tentar enquadrar os trecos do tipo B nas classificações de Schiffer (1972), já que, pelo pouco tempo de que dispúnhamos para realizar a atividade e pelas múltiplas formas de transporte e deposição, era impossível rastrear todos os agentes e processos formadores que interferiram em seu curso. Havia outra questão complicada: o fato de que os trecos do tipo A em algum momento poderiam se tornar do tipo B e até mesmo agregarem-se aos do tipo C, como ilustra a **Fig. 8**.

Hamilakis (2021), apoiado em Bergson e Deleuze, coloca que uma propriedade fundamental da matéria é a *duração*. Nesse sentido, mesmo que não pudéssemos perceber as coisas se deslocando naquele momento, era possível *sentir* seu movimento enquanto elas participavam da praia-lixão-em-formação e se costuravam ao nosso *campo sensorial*, o qual não representa uma entidade topográfica, apesar de suas conotações (Hamilakis 2021). Na verdade, esse conceito é melhor compreendido como um encontro experiencial (senso-afetivo⁸)

8 Adota-se o termo *senso-afetivo* a partir de Pellini (2021), considerando tanto fatores *senso-motores* (Bourdieu, 1983) quanto o *afeto* e a capacidade de afetar e ser afetado na constituição da realidade experimentada e no desencadeamento de ações do costume.

e multitemporal com o *meio*, aquilo que compõe seu entorno (Ingold 2015).

Com isso, o autor propõe um campo de relações com diferentes agentes e fluxos copresentes, que participam mutuamente tanto na constituição da experiência, quanto na percepção e ação de cada agente que coexiste nesse campo de possibilidades. A relação entre cada coisa trançada nesse campo sensorial, numa “dialética da materialidade e imaterialidade” (Hamilakis 2021: 251), também envolve os diferentes tempos articulados empiricamente no tecer da realidade experimentada. Mesmo que na curta escala de tempo que permanecemos na praia-lixão as coisas pouco tenham se movido de seus lugares, nossa relação com o campo sensorial promovia a sensação do movimento através da multitemporalidade.

Parafraseando Agostini (2019), o encontro com o *presente das coisas*⁹ carrega em si a diacronia das relações e transformações dos *materiais* ao longo de sua vida, podendo evocar uma história linear a partir de certa intenção e a biografia do objeto em questão. Contudo, considerando sua multitemporalidade contemporânea, e não somente um processo de formação diacrônico, as coisas são constituídas de uma combinação desses diferentes tempos que coexistem, podendo ser articulados ou desarticulados, sobrepostos de maneira confusa ou reorganizados de maneira relativa a partir da relação que se estabelece. Dessa maneira, mesmo que à primeira vista esses troços parecessem estáticos, através do campo sensorial e de seus fluxos, podíamos perceber seus movimentos ampliando à escala sensível dos tempos presentes, tomando a praia-lixão como uma coisa em constante movimento e transformação.

Um jornal trazido pelo rio tomava coloração terrosa e agregava folhagens e pequenos seres. O material, que antes era somente papel e depois virou lixo ao ser um jornal-na-praia-lixão, tendia a tomar a forma

dos troços e superfícies em que se debruçava, demonstrando seus últimos movimentos sobre os efeitos transportadores da água ou do vento, como também sobre as deformações do calor e da umidade do ar. A coisa poderia ser um papel-jornal, trazendo informações, datas e imagens referentes aos fenômenos que ocorriam antes de sua transformação em papel-jornal.

Muitas vezes o papel-jornal-na-praia-lixão poderia se negar a ser papel-jornal, desbotando suas letras e imagens, tornando-se papel-lixo de coloração terrosa. Apesar disso, mesmo que o papel-lixo se negasse a ser papel-jornal, o presente da coisa trazia à tona que aquele papel-lixo (descartado e sem informação impressa) já fora papel-jornal, isto é, produto comercializado. Nossa relação com o papel-lixo acionava as *qualidades* (Ingold 2015) dos materiais ali presentes. Qualidades, conforme Ingold (2015), não são propriedades dos materiais, uma vez que essas tendem a informar as características reativas dos materiais em relação a fenômenos que atuam sobre eles – como no caso das possíveis deformações do papel com o calor e umidade ou de sua característica permeável que absorve substâncias. Sobre a perspectiva dos *objetos*, as propriedades são características inerentes dos materiais, próprias deles mesmos. Porém, só sabemos dessas características porque já presenciamos ou testamos esses fenômenos e suas reações com os materiais no passado, identificando e classificando seus atributos objetificados.

As propriedades, nas ontologias que tomam objetos em oposição à cultura, são pensadas como atributos inerentes aos próprios treços, como características que os definem. Já qualidades, como Ingold (2015: 65) argumenta, são “processuais e relacionais”. Elas nascem da fruição senso-afetiva de ações e reações *com os materiais*, passando a conhecer e sentir tais qualidades por meio da experiência. As qualidades só são desdobradas quando o indivíduo está envolvido e participando da coisa em sua coisificação. Conforme Ingold (2015: 65), elas não são nem objetivamente determinadas nem subjetivamente imaginadas, mas praticamente experimentadas:

⁹ Parafraseando o termo *presente arqueológico*, trazendo seu sentido para um campo mais amplo de possibilidades do que o arqueológico às vezes pode proporcionar.

“toda propriedade é uma estória condensada. Descrever as propriedades dos materiais é contar as histórias do que acontece com eles enquanto fluem, se misturam e se modificam”.

Por serem processuais, as qualidades sempre serão tecidas e atualizadas à medida que as relações são aprofundadas. Por exemplo, ao retornar à praia-lixão através dos registros, minha relação com aquele campo sensorial foi atualizada pelas experiências que passei desde 2019, isto é, pela aquisição de novos *capitais* (Bourdieu 1983) e pelos efeitos que a noção de *vida das coisas* (Ingold 2012) causou nesse retorno. Sobre esses efeitos, curiosamente, o papel-jornal que virou papel-lixo evocou novas qualidades de seus materiais ao ampliar sua estória de vida numa escala além da biografia (Kopytoff 2008) do papel-jornal-na-praia-lixão, ou seja, para a história de vida de seus materiais em constante fluxo de transformação em movimento.

Um dos principais materiais utilizados para produção desse tipo de papel-jornal, que agora é papel-lixo, são restos de madeira reciclada de móveis e outros trecos descartados, que são transformados nas fibras do papel-jornal. Contudo, se ao invés de seguirmos os fios da vida desses materiais recuando no tempo, como de costume, avançássemos no movimento reverso – pensando nos possíveis fins para esses materiais a partir de suas qualidades –, descobriríamos que eles podem se tornar uma nova coisa: as placas de *drywall*, muito presentes na praia-lixão. Elas são compostas de gesso revestido por papel reciclado, sendo o papel-jornal frequentemente usado para tal finalidade. Assim, se “as propriedades dos materiais, em suma, não são atributos, mas histórias” (Ingold 2015: 69), o papel-jornal-na-praia-lixão costurava as narrativas de diferentes materiais rejeitados ali presentes, que poderiam ter feito parte do mesmo fio da vida a partir de suas qualidades, porém atravessando diferentes biografias.

Sobre a perspectiva da biografia cultural dos *objetos* de Kopytoff (2008), os materiais que em 2019 constituíam a coisa papel-jornal-na-praia-lixão teriam passado por pelo menos duas biografias de objetos e cruzado o *status* de lixo duas vezes: como treco de madeira descartado e como papel-jornal-lixo. Caso se tornassem

placas de *drywall*, consequentemente esses materiais teriam uma nova biografia. É neste ponto que, apoiado em Ingold (2015), argumento sobre as coisas não morrerem em objetos ou em suas biografias. Tal como o autor, sigo argumentando que elas participam dos fios da vida transformando-se, participando de novas coisas e tornando-se outras.

É da essência da vida que ela não comece aqui ou termine ali, ou conecte um ponto de origem a uma destinação final, mas, sim que ela continue, encontrando um caminho através da miríade de coisas que formam, persistem e irrompem em seu percurso. A vida, em suma, é um movimento de abertura, não de encerramento. (Ingold 2015: 26)

Retomando a discussão sobre a barreira protetora, essa leitura foi construída a partir de um carroceiro que em determinado momento cruzou a praia-lixão e a desdobrou para nós. Porém, ela só pôde ser disparada pela inter-relação entre as coisas que objetificamos enquanto tipos de refugio, e não olhando somente para o alinhamento enquanto treco isolado. No primeiro momento em que o carroceiro passou, vindo da porteira no Setor 1 até o limite da praia no Setor 2, estávamos andando pela praia-lixão realizando as atividades. Foi então que, surpreendentemente, o senhor-no-cavalo-carroça atravessou o rio até a outra margem e seguiu pela praia oposta, desaparecendo de vista (**Fig. 10**). Aquele fenômeno nos deixou em choque. Apenas olhando para o rio, não parecia ser raso o suficiente para realizar tal ação.

Se “tudo o que vejo por princípio está ao meu alcance, pelo menos ao alcance de meu olhar, assinalado no mapa do ‘eu posso’” (Merleau-Ponty 2013: 16), retornando à experiência percebemos como a movimentação de nossos corpos era limitada pelo desconhecimento do lugar e pelo alcance da visão. Graças à coloração marrom-esverdeada da água do rio e da sua opacidade, pouco era possível reparar do fundo. Talvez nossos olhos estivessem mais atentos ao chão do que ao entorno.



Fig. 10: Senhor-no-cavalo-carroça.

Fonte: Foto de Camilla Agostini, 18 de outubro de 2019.

Devido ao formato semilunar alongado da praia-lixão, e também por causa da vegetação fechada que limitava a faixa de deposição, não era possível observar toda a área de interesse de uma só vez: era necessário se deslocar pelo espaço por diferentes perspectivas. Ao mesmo tempo, precisávamos nos mover para incorporar a paisagem e todos os seus elementos ao movimento de leitura e mapeamento, não só porque a área era ampla, mas também porque o engajamento com aquele campo sensorial (Hamilakis 2021) seria extremamente limitado de um único ponto de percepção. Se, como defende Ingold (2015), o saber é tecido em movimento, todo o processo de construção do conhecimento é estruturado pela movimentação em uma relação com o lugar, o que também inclui nossas ferramentas, intencionalidades e capitais culturais.

Conforme coloca Ingold (2015: 88), apoiado na tese da percepção visual de James Gibson (1979), “as formas dos objetos

que vemos são especificadas por transformações no padrão de reflexão de luz refletida que atingem nossos olhos conforme nos movemos próximos a ele”. Nesse sentido, para ler a paisagem e suas formas e contornos, era necessário deslocamento contínuo pelo amplo espaço da área. A necessidade do movimento também aparecia quando tentávamos desvendar estruturas constituídas de trechos aglomerados, na medida que era preciso mover-se pelo seu entorno e olhá-lo por diferentes perspectivas a fim de compreendê-lo. A forma da coisa era tecida pela percepção atenta à coisa em movimento – girando-a, por exemplo – ou então pela percepção em movimento atenta à coisa – quando a rodeávamos.

Como pode ser notado, se para nós o rio representava um limite, para o senhor-no-cavalo-carroça esse limite não era tão claro assim. Ao atravessar o rio, o senhor-no-cavalo-carroça desdobrou a paisagem, nos trazendo um fio que até então tinha passado despercebido:

o fato da praia-lixão ser parte de um caminho que conecta as duas margens de deposição e flui através delas e do rio para outro destino. Esse fenômeno já tinha chamado nossa atenção nos mapas históricos do Google Earth, mas em campo ficou esquecido diante do lixo presente.

Em outro momento senhor retornou sobre um monte de areia depositada na carroça. O homem era bem idoso e um tanto magro, com sotaque bem forte e uma voz baixa. Estávamos sentados no abrigo com sombra conversando e refletindo e, quando o carroceiro retornou, Pomodoro foi até ele para uma conversa rápida. Suas poucas palavras poderiam responder à questão das valas e trecos tipo C e muitas outras. Ao perguntarmos sobre a variação do nível do rio, o senhor nos respondeu: “*Enche tudo! Sobe isso tudo! A água costuma dar lá no barranco! [...] Nossa, toca tudo! [...] a água limpa tudo!*” (registro da fala do senhor, 18 de outubro de 2019).

Após contar sobre as cheias e a limpeza pelo rio nesses períodos, ele começou a esclarecer o porquê de ter passado ali: “*Eu fiz essa viagem de cascalho para misturar no outro lá! Que é mais fino.*

É! Cascalho fino fazendo desse jeito fica bom. Aqui ficou fininho. Olha! Pra fazer piso no lugar lá” (registro da fala do senhor, 18 de outubro de 2019). Foi então que concluímos que as valas poderiam ser fruto de extração de areia ou cascalho. No movimento de busca pelo sedimento desejado, buracos eram cavados e o sedimento grosso e o lixo retirado eram depositados ao lado do buraco, embaralhando e amontoando trecos e troços de todos os tipos e naturezas (Fig. 11).

A narrativa do senhor também nos direcionava para outros processos importantes da praia-lixão. Como as cheias limpavam todo o terreno e chegavam até o nível do barranco, é coerente concluir que a presença daquelas coisas espalhadas na área era fenômeno diagnóstico do período de seca. Como o próprio senhor nos falou, fazia tempo que não havia uma cheia, o que poderia explicar o denso acúmulo de trecos sobre a superfície da praia-lixão. Por causa do fio do senhor-no-cavalo-carroça que nos atravessou enquanto estávamos entrelaçados à malha da praia-lixão, começamos a seguir o possível caminho despercebido que cruzava a faixa de deposição.



Fig. 11: Alinhamento-de-trecos-tipo-A no Setor 1.
Fonte: Foto de Camilla Agostini, 18 de outubro de 2019.

Traçamos o possível caminho tanto pelo curso tomado pelo carroceiro quanto pelo nível de compactação do solo. Contudo, a noção de compactação do solo era limitada à sensibilidade proporcionada somente pela superfície, já que nesse caso não escavamos. Foi então que a coisa-alinhamento-tipo-A começou a ser percebida como possível barreira protetora do caminho que atravessava a praia-lixão contra a erosão do rio. Seguindo nossa interpretação, a área da praia-lixão tinha bastante espaço para simplesmente descartar ou armazenar restos construtivos. Se a intenção fosse somente o descarte, por que o acúmulo específico na margem? Além disso, se a intenção fosse o armazenamento de entulhos, a margem do rio não parecia ser a melhor opção naquele lugar para tal atividade. Enquanto traçávamos o caminho desdobrado pelo carroceiro com o alinhamento-de-refugio-do-tipo-A, notamos que no Setor 1, por onde

o alinhamento de materiais se entendia, o nível do chão é mais elevado do que no Setor 2, mais próximo ao nível do rio.

Certamente muitos outros fios se cruzaram no processo que deu forma ao alinhamento naquele momento em que o percebíamos. Porém, as classificações de materiais descartados ou sem utilidade – como a ideia de refugio – já não mais se enquadravam para descrever aquele alinhamento-de-materiais. Afinal, por mais que os troços ali pudessem ter sido trecos a princípio rejeitados, se nossa interpretação sobre a barreira for coerente, então, mesmo que descartados, eles eram aglomerados e organizados na forma daquela coisa protetora (Fig. 12). Portanto, carregavam uma funcionalidade intencional e tinha certa forma de atuar sobre o meio: através de processos e relações que escapavam da intencionalidade ou ação humana direta.



Fig. 12: Alinhamento-de-materiais no limite entre o Setor 1 e 2.
Fonte: Foto de Camilla Agostini, 18 de outubro de 2019.

Enquanto estávamos na praia-lixão em sua coisificação e ao sermos atravessados pelo senhor-no-cavalo-carroça, percebemos que todos os tipos de refugio estavam emaranhados. Os três tipos não eram apenas objetos descartados, mas, na verdade, parte da praia-lixão-em-formação, ao menos por certa *duração* (Hamilakis 2021). Eles não eram, portanto, somente objetos descartados por humanos ou lixo transportado e depositado pelo rio, mas coisas seguindo seus fluxos nos fios da vida, e, naquele momento, participavam da transformação do treco que objetificamos como praia-lixão. Nesse ponto, a noção de vida como processo em que todas as coisas participam, se misturam, formam coisas e são transformadas em outras continuamente me *afetou* (Siqueira & Favret-Saada, 2005) ao retornar à experiência de São João del-Rei.

A formação de sentido daquele campo sensorial como praia-lixão costumava diversos eventos e processos de diferentes escalas e temporalidades, processos esses que envolviam tanto *N-Transforms* (Schiffer 1972) – desencadeados por agentes não humanos – quanto *C-Transforms* – acarretados por agentes humanos –, numa extensa cadeia de movimentos, fluxos e transformações que culminaram na praia-lixão. A faixa de deposição também participava e era afetada pela trama da vida de São João del-Rei. Por diferentes caminhos, sobre ações transformativas e transportadoras de agentes múltiplos e distintos, cada treco chegou ali a partir de sua própria estória de vida, atravessada por várias biografias. Naquele momento, enquanto as coisas eram parte constituinte da praia-lixão, as categorias de Schiffer (2002) eram diluídas entre os processos mesmos que seguíamos.

Ao tentar enquadrar os troços que identificamos nas classificações de refugio, ele transitava entre todas as categorias. Ao tentar cristalizá-los no movimento de objetificá-los para análise, parecia impossível diferenciar o que era chão e o que era o treco; o que era lixo e o que era elemento natural – até porque todo lixo possuía uma matriz natural e todo elemento natural era permeado por lixo, sólido ou líquido. O chão da praia-lixão não

parecia composto por objetos mortos e isolados, mas por coisas vibrantes e em movimento, imersos naquele campo relacional.

Se, como coloca Schiffer (2002: 13; grifo nosso), “a distinção entre contextos sistêmicos e arqueológicos chama a atenção para os dois estados básicos que os objetos ocupam em *diferentes momentos de sua história de vida*”, não havia limites claros que separassem o contexto sistêmico do arqueológico. Ali, as coisas não eram mais objetos rejeitados, com suas vidas encerradas ao estarem longe da ação ou intenção humana. Elas eram coisas que constituíam a praia-lixão-em-transformação e eram transformadas, movimentadas e afetadas pelas dinâmicas e fluxos do ambiente.

Até que ponto podemos delimitar e compartimentalizar a vida da praia-lixão em processos naturais ou culturais? A praia-lixão nos provocava a refletir que processos culturais estão imersos em processos naturais, da mesma maneira que processos naturais são afetados por processos culturais. Portanto, o que havia ali era um *contexto social* (material-discursivo) que relacionava lugares, temporalidades e múltiplos agentes nos contínuos processos transformativos dessa praia-lixão. Infelizmente, no contexto social da praia-lixão o peso da ação dos humanos no descarte irresponsável de materiais acabava afetando outros seres e coisas de uma maneira nociva – como alertaram os pescadores.

Por que retornar a vida das coisas?

Nesta narrativa escolhi um caminho para refletir sobre a experiência com a praia-lixão explorando a noção de vida das coisas para seguir os materiais e coisas se transformando e participando de um mundo-em-formação, tal como propõe Tim Ingold (2012, 2015). Entretanto, é importante compreender que seguir as coisas em sua coisificação implica que nós mesmos participamos dessa coisificação. Portanto, ao narrar parte da história da vida da praia-lixão, nós também fizemos parte da coisa em sua coisificação. Por exemplo, as coisas-tipo-C, que identificamos

como fruto de um processo de movimentação de terra, enquanto objeto de estudo da arqueologia, acabaram sofrendo o que Schiffer (2002) convencionou chamar de *reclamação* – por parte de nós. Esse encontro, que nos fisgou e nos afetou, costurou nossa subjetividade, presença e ações naquele campo sensorial com os processos da faixa de deposição em São João del-Rei, acionando nossa intencionalidade arqueológica e nosso movimento de identificar, nomear e delimitar aquele lugar de potencial interesse.

O que este exercício evidencia é a possibilidade de seguirmos relações outras entre a materialidade arqueológica, os lugares e as múltiplas pessoas com os quais ela se relaciona, potencializando a materialidade como um elemento, de fato, relacional, parte ativa e constante de uma vida social capaz de englobar muito mais do que pessoas humanas, incluindo, obviamente, o rico universo material com o qual as pessoas humanas interagiram. (Cabral 2020: 14)

Nesse sentido, considerando o interesse sobre os processos, ao invés de produtos finais e conclusivos, a estrutura narrativa deste texto também foi organizada sobre essa ênfase. Se a intenção era retornar a praia-lixão de volta à vida, evidenciar os processos de leitura e os movimentos analíticos realizados em campo, assim como o caminho em que a noção de vida atravessou os registros de São João del-Rei, pareceu-me mais fértil e esclarecedor do que sintetizar os dados da pesquisa numa forma final objetificada. Isto é, seguir as coisas em sua coisificação também é *evidenciar os processos mesmos pelo qual seguimos essas coisas e as costuramos no tecido da vida.*

A proposta da vida das coisas parece fértil na medida em que ela aponta para um caminho disposto a seguir os trecos e se misturar a eles na ação empírica, ao invés de tentar cristalizá-los em objetos encerrados dos campos de relações nos quais vibram e estão em constante movimento e transformação. Em outras palavras, essa abordagem explora a qualidade das coisas em processos material-discursivos para além da biografia dos trecos e sua “morte”

(quando atingem o *status* de lixo). Inclusive, essa discussão nos provoca a refletir sobre os efeitos de nossas ações sobre as coisas. Se encerrarmos a vida das coisas em objetos e suas biografias, que chegam ao fim quando o treco deixa de ter utilidade, o resultado é um mundo utilitário fadado a ser esgotado pelo descarte e consumo desenfreado.

Em contrapartida, se a arqueologia só se interessar por trecos mortos com um considerável distanciamento temporal, o resultado é a invisibilidade de questões contemporâneas e dos materiais rejeitados. Em contradição com o que é considerado arqueológico, ou mesmo patrimonial, enquanto objetos maculados pelo presente (Bezerra 2019) os trecos rejeitados e classificados como lixo, ou que estão presentes sobre a superfície, deixam de ter valor à arqueologia e são novamente descartados pelos agentes que os reclamaram da estratigrafia. Isso parece suspeito, uma vez que não abre espaço para que a vida conteste nossos métodos e técnicas, o que coloca os arqueólogos em lugar de autoridade inquestionável sobre o passado e sobre as coisas (Cabral, 2020; Linke *et al.*, 2020; Pellini 2020, 2021).

A questão aqui, porém, não é colonizar tudo enquanto treco arqueológico, até porque o diálogo entre diferentes campos do saber e formas de conhecimento é mais fértil e produtivo para discussões e reflexões do que determinar que só a arqueologia dá conta de narrar a vida dos trecos. Como sugerem os estudos de cultura material (Miller 2013) e as abordagens simétricas (Latour 2013) ou relacionais atentas às coisas (Ingold 2015; Pellini 2020, 2021; Cabral 2020), a interdisciplinaridade e o diálogo intersaber e transcultural são fundamentais para romper as velhas raízes pós-coloniais que perduram em nosso dia a dia, algo proposto pelo *antimétodo* algumas décadas atrás (Feyerabend 1977).

Dessa maneira, seguir a vida das coisas, a minha percepção, não constitui movimento de tentar inserir as coisas no lugar de sujeito ou agente, mas de *reinsserir o humano nos fios da vida das coisas*. Em consequência, seguir esse caminho com a arqueologia é aceitar afetar e ser afetado (Siqueira & Favret-Saada 2005)

pelas coisas em seus fluxos de vivência, enquanto participantes dessa vida. Em outras palavras, é praticar uma arqueologia que aceita se derramar sobre o costume cotidiano, sendo fisgada pelos fios senso-afetivos (Pellini 2020, 2021) e multitemporais (Agostini 2019; Bezerra 2019; Cabral 2020; Hamilakis 2021) da experiência. Abordar a questão do lixo sobre uma intencionalidade arqueológica, além de permitir uma arqueologia socialmente ativa e politicamente engajada com questões do contemporâneo, também é campo fértil para experimentar, ensinar, testar ou repensar abordagens da práxis arqueológica em contextos reais (Rathje 1979, 2021) – como demonstrado neste exercício. Nesse sentido, retornar à praia-lixão a partir dos registros produzidos pela abordagem fenomenológica também foi interessante para perceber e analisar como nossas ações e classificações foram orientadas pelas abordagens escolhidas e afetadas pelos fios da experiência e coisas pelas quais nos relacionamos.

Do mesmo modo, é necessário colocar que a proposta de Ingold (2012) de pensar um *ambiente sem objetos* soa como problemática se seguida a rigor, pois frequentemente objetificamos coisas. Usualmente cristalizamos coisas em objetos por contraste reflexivo – como continuamente o fiz neste artigo ou como o próprio Ingold (2015) o faz para desenvolver seu argumento sobre a vida das coisas. Outras pessoas continuarão a objetificar coisas, assim como nós mesmos somos costumeiramente objetificados por troços (Miller 2013). Um dos princípios básicos do *antimétodo* é reconhecer que toda abordagem possui contribuição própria e limitações. Dessa maneira, seguir a vida das coisas parece um caminho interessante, mas não pode ser pensado como conclusivo ou como abordagem última, e sim como um caminho fértil para pensar sobre uma perspectiva relacional e menos dicotômica para seguir a vida.

“Neste sentido, é possível pensar estas múltiplas abordagens a respeito da agência dos objetos também como uma guinada à percepção de constituições mútuas, ainda que atravessadas por influências teóricas diversas

e nem sempre convergentes” (Cabral 2020: 4). Ampliar o interesse em seguir a vida das coisas ao invés da biografia de objetos evidencia fluxos e qualidades dos materiais envolvidos na constituição mútua da experiência, assim como coloca as coisas não enquanto trechos isolados de um sujeito humano por oposição e conveniência, mas como materiais envolvidos nos fluxos da vida em um mundo em contínua transformação. O sentido de lixo que pode ser atribuído a um trecho é extremamente relativo, não é determinado pelo fim da biografia de um objeto. O lixo de um é o patrimônio ou o alimento de outro. Ele pode ser também objeto de estudo da arqueologia, tal qual *materiais* para se criarem novas coisas, como narrativas ou coisas-arte.

Portanto, seguindo os fios da praia-lixão, retornar ao velho interesse pelo lixo evocado na década de 1970 por William Rathje (2021) e Michael Schiffer (1972) parece ser um empreendimento relevante e premente. Como Andrade (2006) colocou, não devemos tratar a problemática do aumento e acúmulo de resíduos sólidos como uma questão irreversível e catastrófica, sob uma perspectiva inconformista. Buscar compreender nossa relação com o lixo, mesmo que essa se revele uma ausência de interesse ou preocupação, nos provoca a refletir e pode nos afetar. O período caracterizado como *antropoceno* (Cendeac 2018) é marcado pela hiperprodução repetitiva e excessiva de coisas duráveis e de curta biografia. As biografias dos trechos modernos são curtas não pela qualidade de seus materiais, mas por serem facilmente descartados, trocados ou atualizados pela incessante indústria de massa e tradição consumista. Estratégias de reuso e reciclagem direcionadas ao lixo, ou mesmo intervenções da arte ou necessidades cotidianas disparadas pela vida – como a utilização de copos de vidro de requeijão ou potes de plástico de sorvete – demonstram que os materiais não são encerrados na biografia dos produtos do mercado de consumo. Portanto, talvez seja melhor pensar que a humanidade, para além de sua notável capacidade para destruir e descartar, possui uma poderosa faculdade de encontrar soluções e resolver problemas.

É claro que este não é um processo fácil, muito pelo contrário, ele irá exigir muito de todos nós, principalmente no que se refere à mudança generalizada sobre nossos conceitos de vida, nossos valores, comportamento, enfim, nossa consciência. (Andrade 2006: 36)

Um dos problemas relativo ao lixo em nossa sociedade contemporânea, também apontado por Rathje (1979, 2021) e Andrade (2006), é que, como o lixo é desagradável, sem utilidade e repulsivo, ele acaba sendo retirado do circuito de uso e vivência comum e torna-se algo invisível à sociedade. Afinal, você sabe para onde seu lixo vai após a coleta pública? Você sabe o que acontece com ele e o que ele vem a se tornar após ser descartado? Enquanto invisível aos olhos humanos, o lixo se emaranha por todo o planeta e por todos os cantos. Ele está presente em nosso cotidiano, seja na calçada, na estação de trem, no rio, na floresta ou mesmo na sala de aula. Ele torna-se invisível, apesar de ser visto por todas as partes. Mesmo copresente, o lixo é ignorado até o ponto em que reclamamos dele nas ruas ou da falta de limpeza – mas só ficamos aí. Porém, se há lixo nas ruas e em ambientes rurais, é porque todos nós contribuimos para seu acúmulo desenfreado em todos os cantos, cada um à sua maneira.

Portanto, retornar ao velho interesse evocado por Rathje (1979, 2021) ao investigar o lixo através da arqueologia nos permite tomá-lo como fonte potencial para diversos temas e questões da contemporaneidade, testar, ensinar e experimentar ferramentas e conceitos arqueológicos, ou então proporciona um caminho possível para compreender como os materiais rejeitados têm participado do mundo-

em-formação. Se considerarmos que a vida de um objeto é encerrada quando esse é declarado lixo, então perdemos de vista o potencial ativo de seus materiais. Isso perpetua o processo de lixificação-de-um-mundo-em-destruição. Porém, se os materiais permanecem no mundo da vida, oferecendo suas qualidades e substâncias, talvez a maneira como o mundo-em-formação seja tecido não acabe em um mundo-lixo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Camilla Agostini e a Rafael de Abreu e Souza pelo convite para participar deste volume temático e também pelas férteis e instigantes discussões desenvolvidas no Núcleo de Estudos de Cultura Material da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Um agradecimento especial à Camilla, por todo esforço e energia empregado para fazer com que a atividade de campo em São João del-Rei pudesse acontecer da maneira como aconteceu, seja nos dando liberdade para experimentar ferramentas e escolher a maneira de testá-las, seja fornecendo todo apoio necessário durante e depois das atividades. Agradeço também a Lucas Pomodoro por ser um importante parceiro ao longo da viagem, assim como aos colegas de quarto e hospedagem, que fizeram as noites em São João del-Rei mais divertidas. Gostaria de agradecer também às pessoas que nos acolheram em São João del-Rei, ao Departamento de Arqueologia da Uerj e ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas por patrocinar nossa empreitada.

ARAÚJO, R. The life of a landfill-beach in São João del-Rei: transformative processes, contemporary garbage and things in motion. *R. Museu. Arq. Etn.* 40: 67-89, 2023

Abstract: During the undergraduate program in archeology at the Rio de Janeiro State University, within the discipline “Field Practice I” we sought to understand the formative processes of a river swath in São João del-Rei (Minas Gerais) that was filled with garbage. In the activity, our archaeological investigation of the location drew on Michael Brian Schiffer’s pioneering principles. But the present narrative takes a different path. Based on William L. Rathje’s ideas on thinking about contemporary garbage as a fertile source for archeology and using the

phenomenological record produced in the landfill beach the paper discusses the pedagogical potential of garbage for archeology programs and explores Tim Ingold's notion of life of things along with contemporary garbage.

Keywords: Garbology; Garbage archaeology; Phenomenology; Formation processes; Life of things.

Referências bibliográficas

- Agostini, C. 2019. Temporalidades e saberes inscritos em ruínas e memórias. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* 13: 29-50.
- Andrade, A.W.O. 2006. Arqueologia do lixo: um estudo de caso nos depósitos de resíduos sólidos da cidade de Mogi das Cruzes em São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bezerra, M. 2019. O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* 12: 51-58.
- Bourdieu, P. 1983. Esboço de uma teoria da prática. In: Ortiz, R. (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. Ática, São Paulo, 46-91.
- Cabral, M.P. 2020. Sobre urnas, lugares, seres e pessoas: materialidade e substâncias na constituição de um poço funerário Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 15: 3.
- Cendeac. Alfredo González-Ruibal: Antropoceno, arte y arqueología. In: *VIII Curso de introducción al arte contemporáneo*. POST-ARCADIA 2. Session 6. Murcia, 01/05/2018. Publicado pelo canal no Youtube do Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo. Disponível em: <<https://bit.ly/3Akf4zJ>>. Acesso em: 24/08/2022.
- Feyerabend, P. 1977. *Contra o método*. Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- Gibson, J.J. 1979. A study in the psychology of decorative art. *Purple Perils*. Disponível em: <<https://bit.ly/3plcChK>>. Acesso em: 24/08/2022.
- Hamilakis, Y. 2016. Decolonial archaeologies: from ethnoarchaeology to archaeological ethnography. *World Archaeology* 48: 1-5.
- Hamilakis, Y. 2021. From fields of discourse to fields of sensoriality: rethinking the archaeological record. In: Boyd, M.J.; Doonan, R.C.P. (Eds.). *Far from equilibrium: an archaeology of energy, life and humanity*. Oxbow Books, Oxford, 239-257.
- Husserl, E. 2006. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Idéias & Letras, Aparecida.
- Ingold, T. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos* 18: 25-44.
- Ingold, T. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes, Petrópolis.
- Kopytoff, I. 2008. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: Appadurai, A. (Org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Eduff, Niterói, 89-121.
- Latour, B. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Edufba, Salvador.
- Linke, V. et al. 2020. Do fazer a arte rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis gráficos rupestres de Minas Gerais,

- Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 15: e20190017.
- Meneses, U.T.B. 2009. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: *I Fórum Nacional do Patrimônio Nacional*. Iphan, Brasília, volume 1, 25-40.
- Merleau-Ponty, M. 2013. *O olho e o espírito*. Cosac & Naify, São Paulo.
- Miller, D. 2013. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Zahar, Rio de Janeiro.
- Pellini, J.R. 2014. Paisagens: práticas, memórias e narrativas. *Habitus* 12: 125-142.
- Pellini, J.R. 2020. Bitucas e a materialização do equívoco: Qurna e suas paisagens potenciais. *Mosaico* 13: 30-41.
- Pellini, J.R. 2021. De imagens e gentes-rocha: arte rupestre, relacionalidade e intra-ação. *Revista de Arqueologia* 34: 77-88.
- Rathje, W.L. 1979. Modern material culture studies. *Advances in Archaeological Method and Theory* 2: 1-37.
- Rathje, W.L. 2021. Um elogio à arqueologia: o Projeto do Lixo. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* 15: 131-139.
- Schiffer, M.B. 1972. Archaeological context and systemic context. *American Antiquary* 37: 156-165.
- Schiffer, M.B. 2002. *Formation processes of the archaeological record*. University of Utah Press, Salt Lake.
- Siqueira, P.; Favret-Saada, J. 2015. "Ser Afetado", de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo*, 13: 155-161.
- Tilley, C. 2016. Phenomenological approaches to landscape archaeology. In: David, B.; Thomas, J. (Eds.). *Handbook of landscape archaeology*. Routledge, Abingdon, 271-276.